

ELEMENTO BRANCO: SUA INFLUÊNCIA NA ETNIA BRASILEIRA

Prof VICTOR ZAPPI CAPUCCI,
da Univ. do Est. da Guanabara

Coube ao homem branco exercer uma influência preponderante na composição do povo brasileiro, destacando-se fundamentalmente nessa formação o elemento português. Antropológicamente falando, os primeiros portugueses que vieram para o Brasil pertenciam em sua maioria ao tipo mediterrâneo, moreno, de média estatura, dolicocefalo, embora os lusitanos históricos, aqueles que aqui chegaram no século XVI e subseqüentes, pertencessem a um variado grupo étnico, apresentando uma diversidade de tipos humanos com características culturais diferentes.

As relações de raça entre europeus e mulheres indígenas devem ter começado logo após ao ato da Descoberta: dois grumetes que haviam desertado de bordo, às vésperas da partida de Cabral, e mais dois degredados, que foram deixados intencionalmente pelos portugueses, terão sido, certamente, os iniciadores desse cruzamento inter-racial.

Aliás, foi muito variada a proleitura branca de nossos primeiros mestiços.

Além de elementos lusitanos, era comum integrarem a equipagem das naus ibéricas, nove-

ses, napolitanos, biscainhos e alemães. E logo após a divulgação da notícia da terra descoberta começaram a aparecer os primeiros brancos de diversas nacionalidades em pontos esparsos da costa brasileira. Missionários, contrabandistas, homens de fortuna, degredados, naufragos e desertores, deram então, início à exploração desse imenso território. Alguns ligaram-se por laços de sangue aos indígenas e adquiriram grande prestígio, desempenhando o histórico papel de primeiros povoadores da nova terra; outros, menos felizes, desapareceram ingloriamente, sacrificados, na maioria das vezes pelos naturais, em festins antropofágicos. Entre os aventureiros que desempenharam o papel de primeiros povoadores, responsáveis, portanto, pelo aparecimento dos primeiros mestiços, que mais tarde exerceriam um papel de relevo na penetração e conquista do interior, citam-se Diogo Álvares Correia, o "Caramuru" e João Ramalho. Esses dois patriarcas tiveram grande importância no despontar da nossa História Pátria, não somente por terem ajudado seus patrícios e se estabelecerem na terra recém-desco-

UM PATRIARCA



João Ramalho, um dos primeiros povoadores da Terra de Santa Cruz, com seu filho mameluco, neto do cacique Tebyriçá. Ao fundo do quadro os muros de um baluarte de Santo André da Borda do Campo (1550)

berta, mas pela descendência numerosa que deixaram, facilitando dêste modo a tarefa da colonização lusitana. Entretanto, é bom não esquecer que desde os primeiros anos da vida colonial outras culturas vieram juntar-se à herança fundamental portuguesa, contribuindo, em menores e desiguais proporções, para a formação do povo brasileiro: no extremo sul, náufragos e desertores de Castela; em pontos diversos da costa leste e nordeste, os franceses e, em tôda a parte, ciganos e judeus. Estes últimos espalharam-se pelo território da Colônia, comerciando, a princípio, como mascates, e mais tarde fazendo sentir sua influência na lavoura açucareira.

A contribuição espanhola também foi bem expressiva em São Paulo e no Sul.

Quanto aos franceses, trinta anos após a Descoberta de tal forma andavam êles ativos nas costas brasileiras, que difícil seria afirmar-se a quem ficaria a Colônia pertencendo: se aos portugueses ou aos franceses.

EMBRIÃO SOCIAL

Só o estabelecimento de núcleos de povoamento português poderia afastar o perigo que pairava sobre o domínio lusitano. Recaiu em Martim Afonso de Souza o cumprimento de tal tarefa, sendo-lhe confiado o comando de uma Armada que partiu de Lisboa em 1530. Trazendo em seu bôjo guerreiros, religiosos, oficiais mecânicos (artífices), agricultores e letrados, a expedi-

ção transportava o “embrião social do Brasil”.

Em S. Vicente, Martim Afonso de Souza deu início ao povoamento da terra, introduzindo ali as culturas da vinha, trigo e cana-de-açúcar. Regressando em 1533 a Portugal o Capitão-Mor deixou no Brasil as bases de uma civilização: a casa do Conselho, o pelourinho, símbolo da Justiça de El-Rei, a igreja, o estaleiro, o trapiche etc.

CAPITANIAS E GOVERNO GERAL

A persistência dos franceses, que teimavam em não deixar os domínios lusitanos da América, obrigou a Coroa Portuguesa a instituir no Brasil o regime das Capitanias. A experiência veio provar que nas regiões onde os donatários não se estabeleceram (Rio de Janeiro, Sergipe, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Maranhão) os franceses se instalaram e enfrentaram os portugueses; mas, nos demais pontos do litoral, onde se fundaram as primeiras vilas, as invasões estrangeiras foram repelidas.

A fraqueza de algumas Capitanias face aos indígenas ou aos invasores estrangeiros fez com que a Coroa Portuguesa instituisse um Governo Geral, sendo nomeado Tomé de Souza para êsse importante cargo.

Acompanhou o 1.º Governador Geral a primeira tropa regular vinda de Portugal para o Brasil. Seu número é estimado em cerca de 600 soldados. Além desses homens de armas vieram colonos, artífices, sacerdotes e degreda-

dos. Incentivou-se a emigração. Como a finalidade de facilitar o casamento de portugueses com mulheres brancas, escassas na Colônia, o governo de Lisboa, mandou para a Bahia várias remessas de órfãs, de boa família.

Em 1551, chegou a Salvador a primeira leva, constituída por sete jovens donzelas, oriundas do Mosteiro das Órfãs, de Lisboa.

A fim de aumentar o número de povoadores a acudir às necessidades da colonização, o governo português recorreu aos habitantes dos Açores, pedindo-lhes que emigrassem para o Brasil. Antes de findar o século XVI o Brasil já era um grande escoadouro dos excedentes da população portuguesa. A fusão das coroas ibéricas resultou igualmente numa intensa emigração para o Brasil. As ilhas atlânticas, muito povoadas, forneceram grandes contingentes de colonos para diversas regiões brasileiras: Maranhão e Pará (século XVII), Santa Catarina e Rio Grande do Sul (século XVIII).

OS MIÚDOS

Não apenas fidalgos, militares e degredados, vieram povoar o Brasil, mas, principalmente, homens do povo, chamados de "Os Miúdos" em Portugal, constituíram o grosso dos elementos lusitanos que mais fortemente influenciaram a transculturação no Brasil de origem portuguesa.

O elemento português transplantou para a nova terra a paisagem urbana e rural do Reino. Não somente a habitação, mas o próprio sistema de vida, deram a

várias regiões do nosso país uma paisagem evocadora a todo instante da Metrópole. Diversos tipos de casas introduzidas pelos lusitanos no Brasil ainda hoje são encontrados em várias localidades de Portugal, reproduzindo fielmente o estilo das construções, bem como o aspecto acanhado e tortuoso das ruas portuguesas. Mas a casa-grande de engenho que o colono luso edificou no Brasil não reproduziu nenhum tipo de habitação portuguesa. Ela foi o resultado das exigências de um novo ambiente físico. Nos séculos XVI e XVII as casas-grandes tiveram aspecto de praças fortes, destinadas a resistir aos ataques dos índios ou do invasor europeu. Nos séculos XVIII e XIX as casas-grandes se desmilitarizam, oferecendo aos viajantes uma fácil hospitalidade.

CATOLICISMO

A Igreja Católica, por seu turno, teve forte influência na formação da sociedade brasileira. Os elementos religiosos, tanto do Hábito de S. Pedro, como das Ordens Regulares, agiram como fatores equilibrantes nas perturbações ocasionadas pelos colonos europeus ao violarem os direitos básicos dos povos do Novo Mundo. Os Sacerdotes, em geral, desempenharam papel importantíssimo na formação e expansão do território pátrio, na defesa do país contra invasores estrangeiros, nas lutas pela Independência e nos fundamentos morais da família brasileira, combatendo os desmandos do elemento branco, completamente solto numa terra

imensa habitada por povos de civilização rudimentar.

A presença da civilização portuguesa no Brasil não se fez sentir apenas no lado espiritual, mas também materialmente. E a arquitetura é a que melhor concretiza aos nossos olhos essa herança fundamental legada aos brasileiros. No tocante a essa arte, grande foi o desenvolvimento da arquitetura dada pelos jesuítas. Foram eles que, trabalhando inicialmente como simples operários, construíram e orientaram a edificação dos grandes colégios, igrejas, habitações rurais e urbanas, pontes, canais e outras obras de engenharia de vulto.

A sobriedade forçada foi a nota dominante em todos os setores da vida colonial dos primeiros tempos. Mas à medida que a civilização se enraizou na nova terra, nota-se, entretanto, uma certa inclinação pelo conforto e até mesmo pelo luxo. O mobiliário se enriquece: as redes e os catres dos primeiros anos vão, aos pouco, sendo substituídos por mobiliário mais artisticamente trabalhado.

MUNICIPALISMO

Do povo português herdamos ainda a base da nossa organização política, o município, cabendo ao Paço um papel de destaque no governo das primeiras povoações brasileiras, cujo mecanismo administrativo, bastante simplificado, facilitou a intervenção da Câmara na marcha de todos os negócios das vilas.

TIRANETES

Administravam essas incipientes povoações os funcionários do Rei, que, introduzindo na Colônia a complicada burocracia da Metrópole, se aproveitavam dos demorados e custosos recursos administrativos ou judiciários para transformarem-se em autênticos tiranetes. As "Ordenações do Reino", vigorantes em Portugal, foram o fundamento de nossas instituições jurídicas. Para fiscalizar o cumprimento de tais "Ordenações" os reis de Portugal mandavam os Ouvidores Gerais percorrerem seus domínios.

PAPEL DO AÇÚCAR

Um papel muito importante coube, outrossim à indústria açucareira, pois, além de fixar o colono à terra, serviu de chamariz para pessoas e famílias de boa categoria do Reino, que se passaram para o Brasil atraídos pelas vantagens financeiras daquela cultura. A fazenda açucareira, de enormes proporções, tornando-se auto-suficiente, isolou seus habitantes. Essa cidade em miniatura era dominada pela autoridade absoluta do Senhor do Engenho, cuja palavra era lei para a esposa, filhos, escravos e agregados em geral.

Este panorama social teve seu apogeu no período da maior preponderância do açúcar (séc. XVI e XVII) e só mui lentamente foi sendo modificado com a gradual desintegração da família patriarcal nos séculos XVIII e XIX, devido ao nascimento da vida ur-

bana e ao aparecimento de uma nova classe poderosa, a burguesia rica, que, pouco a pouco, foi fazendo sua ascensão na escala social.

GAULESES

Apesar das inúmeras tentativas de fixação feita pelo elemento gaulês em terras do Brasil, desde os tempos da Descoberta, não deixaram os franceses senão vestígios insignificantes do ponto de vista da antropologia física. Só com a chegada da Corte Portuguesa começaram os franceses a entrar no Brasil como cientistas, técnicos, artistas, visitantes, enfim. A partir daquela data foi preponderante a influência francesa social e intelectual na formação brasileira.

HOLANDESES

A anexação de Portugal à Espanha trouxe-nos, em contrapartida, a inimizade da Holanda que lutava nos mares contra o monopólio comercial ibérico.

A invasão holandesa, de curta duração, deixou, todavia, pequenos vestígios entre a população da área dominada; mas, na realidade pode-se afirmar que, ao se retirarem em massa, seus remanescentes foram absorvidos pela miscigenação e intercasamento. Povo de civilização avançada deixou-nos diversos legados: por exemplo, a introdução de vários tipos de embarcação, algumas delas de tonelagem fora do comum para a época. A influência holandesa também fez aparecer em Recife os primeiros sobrados, o fe-

lhado de duas águas e o sótão, dando-se ainda o emprêgo do tijolo em maior escala.

O TÊRÇO

As tradições militares vigentes em Portugal no século XVI foram, obviamente, introduzidas no Brasil pelos colonizadores, mas não há dados positivos sobre a organização dessas primeiras tropas, que desembarcaram com Tomé de Souza e bem assim o número de soldados que, às ordens de Mem de Sá e de Estácio de Sá combateram os franceses do Rio de Janeiro. No século seguinte, o XVII, foi um período de grandes lutas pela preservação da integridade da Colônia. Aparecem os terços de brancos, pretos e índios. Comandados por um mestre-de-campo e assessorados por um sargento-mor, compunha-se o terço de 10 companhias de 100 homens cada, chefiadas por um capitão. Esses corpos de auxiliares foram a grande escola de aprendizagem militar do Brasil. Seus batalhões, armados e fardados à custa de particulares ricos e poderosos, recebiam instrução militar e em tempo de guerra, tais forças auxiliares tinham a incumbência de defender das invasões inimigas suas próprias famílias e propriedades. Após a Independência essas forças passaram a constituir a Guarda Nacional. Tais milícias recebiam os elementos oscilantes da sociedade colonial. Os terços constituídos por gente branca não acolhiam, a princípio, negros e mulatos. Contudo, tal interdição encontrava certa dose de tolerância e com o decorrer dos

tempos desapareceu dos terços o preconceito de cor.

Já as insurreições do século XVIII mostram uma preponderância acentuada de mestiços nas milícias, inclusive entre a oficialidade. O papel que coube a essas formações militares foi muito importante. A elas se deve, em boa parte, a expulsão das forças invasoras e a conquista definitiva de terras no Sul do país.

MESTIÇAGEM

A sociedade brasileira formou-se desde o instante da Descoberta sob os auspícios de uma intensa mestiçagem contra a qual não houve preconceitos apreciáveis. Nesse processo colonizador o português teve ocasião de mostrar a plasticidade dos seus traços de cultura, que facilitaram os contatos bio-sociais com outros povos de civilização inferior. Por essas qualidades o colonizador lusitano mereceu ser apontado como o colonizador ideal para os trópicos. Essa característica inata contribuiu, de modo ponderável, para atenuar as relações de raça e de cultura com os grupos indígenas e negros, processados de modo muito menos destrutivo do que nas demais áreas do domínio não português. No Brasil Colonial e Imperial a miscigenação do branco com o negro operou-se em larga escala na área rural e o cruzamento do branco com o índio se processou de preferência na área pastoril. O mulato surgiu nos engenhos de açúcar e o mameluco se originou nas fazendas de gado. Entretanto, a existência de outros exemplares hu-

manos, resultantes de ligações as mais variadas, mostram que os entrecruzamentos inter-raciais iniciados no período colonial ainda não terminaram. Exemplo: o **cafuso**, mistura de negro com índio, e o **cabra**, fusão de negro e o **mulato** e os **pardos**, mais numerosos, oriundos de cruzamentos secundários. A maior percentagem de mestiços (pardos) verifica-se na região norte; ao passo que no sul predominam os elementos brancos; mas é inegável que os elementos de cor branca procedentes de troncos europeus asiáticos predominam entre nós. Tal predomínio tende a aumentar pela cessação de entrada do elemento negro, desde meados do século passado, pela constante diminuição dos mestiços que se cruzaram com indivíduos de cor branca e, finalmente, com a chegada de novos contingentes brancos através da imigração.

ABERTURA DOS PORTOS

Até a abertura dos portos a entrada de estrangeiros no Brasil teve mais um caráter invasor do que propriamente colonizador ou imigratório. Com a abertura dos portos brasileiros ao comércio direto e da assinatura do decreto permitindo a concessão de sesmarias a estrangeiros, ambos promulgados por D. João, criaram condições favoráveis à imigração espontânea, marcando o início de uma nova fase na colonização do país.

Os primeiros europeus, não portugueses, que ingressaram no país na qualidade de imigrantes dirigidos e amparados pelo go-

vêrno, foram 100 famílias suíças, que se localizaram em Nova Friburgo.

GERMÂNICOS

Por volta de 1820-30 iniciou-se a imigração alemã, que durou até 1850, quando foi proibida pela Prússia. Nessa ocasião tomou novo impulso a imigração portuguesa, que diminuía desde 1822 devido aos acontecimentos políticos ligados às lutas pela nossa Independência. Dessa data em diante a imigração lusitana foi sempre uma corrente contínua.

Ao se tornar o Brasil independente o governo imperial resolveu incrementar a colonização no extremo sul, mas o desbravamento de uma área densamente florestada e habitada por índios hostis exigiu um tipo especial de colono, que fôsse ao mesmo tempo um misto de agricultor e de soldado. Os militares desligados dos exércitos napoleônicos e as massas oprimidas de camponeses da Europa Central, que estavam naquela época dispostas a partir para qualquer parte do mundo, forneceram esse tipo de colono necessitado pelo nosso país.

Os primeiros grupos de alemães chegados ao Brasil tiveram pois de enfrentar um árduo trabalho de pionerismo, abrindo claros nas florestas, construindo estradas e edificando suas próprias casas.

ITALIANOS

Quanto aos italianos sua influência se fez sentir também desde muito cedo, antes mesmo

de ter início a grande corrente imigratória do século XIX. Na época colonial Américo Vespúcio, Francisco Antonio Pigafeta, Sebastião Caboto e os irmãos Adorno, estes últimos fundadores dos primeiros engenhos de açúcar do continente. Também nas bandeiras do século XVI e XVII não faltaram elementos italianos. O mesmo se pode dizer nas lutas contra os holandeses. Na obra da catequese também vieram missionários italianos percorrendo desde muito cedo o nosso litoral participando da árdua tarefa de evangelização dos indígenas. O italiano contribuiu com boa dose do seu sangue e da sua civilização na tarefa da formação étnica e cultural dos brasileiros. Sua origem mediterrânea e a plasticidade de seus costumes igualou-o ao português na assimilação dos padrões da civilização encontrada. Sabe-se, outrossim, que, em 1836, havia no Rio de Janeiro 180 italianos. A partir de 1874 começou a entrar um número cada vez maior de imigrantes dessa nacionalidade. O maior contingente de imigrantes peninsulares destinou-se ao RGS, S. Paulo, Minas, Rio de Janeiro, Sta. Catarina e Paraná. Em S. Paulo o italiano iniciou suas atividades na lavoura do café; em 1887 constituíam eles 2/3 dos trabalhadores rurais do Estado.

CASTELHANOS

Embora as tentativas de penetração castelhana não lograssem alterar os fundamentos étnicos e culturais portugueses, tiveram alguma ascendência nas zonas pe-

reféricas do domínio lusitano, principalmente no sul da Colônia. Sta Catarina mesmo teve um princípio de colonização espanhola constituída por náufragos, desertores e aventureiros de expedições castelhanas. O elemento espanhol pela grande semelhança de sua cultura com a portuguesa é uma corrente imigratória das mais favoráveis ao progresso do país e que se tem processado em ondas bem numerosas.

No Brasil, desde o seus primórdios, a miscigenação se vem processando praticamente sem nenhuma resistência. O brasileiro soube manter uma herança preciosa que lhe foi legada pelo antepassado português: o espírito

de tolerância, de fraternidade e de adaptação, que tanto caracterizou a colonização lusa. Graças a essa característica e interpenetração étnica e cultural das correntes européias e mesmo das não européias vem se elaborando pacificamente no Brasil sem os tropeços que costuma caracterizar o fenômeno em outras áreas do mundo.

Dentro desse estado de espírito de ampla liberdade processou-se entre nós a ascensão social e política do imigrante e de seus descendentes, fato que se tem verificado em todo o território nacional e de modo particular nos Estados do Sul.

“A AÇÃO CÍVICA DO EXÉRCITO NA AMAZÔNIA é vasta e variada: Nas vias de transportes, na manutenção de indústrias pioneiras, na vivificação da faixa de fronteiras, no desenvolvimento inicial de regiões vitais, na grande batalha da educação, na realização de pesquisas técnico-científicas de toda a ordem, na assistência em casos de calamidade pública e outras muitas atividades sociais.”

“Não enfrentar completamente a realidade não é proteger sua liberdade. É simplesmente deixar uma força, que não é a da razão, amoldar essa realidade. Esta força pode ser uma emoção descontrolada — a cupidez, a agressividade, o ódio, a ignorância ou simplesmente a inércia. Pode ser qualquer coisa, menos a razão. Mas seja qual for, não sendo a razão que domine o homem este não realiza tudo de que é capaz.”

(Mac Namara — Conf em JACKSON
Missipi: 24-II-1969)